

Erico Verissimo

Israel em abril

Ilustrações

Rodrigo Andrade

Prefácio

Bernardo Kucinski



12	Prefácio
21	Prefácio do autor
23	1. Tudo vale a pena
30	2. A planície de Sarom
41	3. Tel Aviv-Jafa
56	4. De Abraão a Ben-Gurion
82	5. A Galileia
124	6. Os judeus e o judaísmo
141	7. Rumo do deserto
178	8. Visita a um profeta
187	9. Jerusalém
218	10. Volta a Tel Aviv
227	11. Dois <i>kibbutzim</i>
253	12. Numa ilha grega
264	Crônica literária
268	Crônica biográfica
272	Biografia de Erico Verissimo

I

Tudo vale a pena

Mundo velho sem porteira! Ainda hoje de manhã minha companheira e eu contemplamos *La Fornarina* de Rafael no Palazzo Barberini, em Roma; ao entardecer sobrevoamos Atenas e tivemos um vislumbre da Acrópole à luz do poente — e agora, noite nova ainda, desembarcamos dum avião da Alitalia no aeroporto de Tel Aviv.

Memorável momento: pela primeira vez em nossas vidas pisamos a Terra Santa. Mas esperem, estamos ainda sobre a pista de concreto do campo de pouso. O Caravelle que acaba de nos retroexpelir, avejão dum moderno Apocalipse, parece ainda arquejar, fatigado da jornada. O hálito fresco da noite, que minha fantasia tempera de redolências bíblicas, chega-nos dessagrado por emanações de querosene.

“Chalom!”, exclama um funcionário do aeroporto, indicando-nos o caminho com um sorriso e um gesto. A memória inconsciente, cineasta desvairada, compõe às pressas e a esmo, com elementos de sua insondável filmoteca, uma espécie de cinejornal vertiginoso: — ... *Remota rua da infância judeus barbudos lojas de ferro-velho faces de companheiros da escola primária ó russinho! ó turco! Arão Milititsky? presente! Luisa Russowsky? ausente! internato protestante Escola Dominical Bíblia capa preta palavras com corpo e cor Cafarnaum (parda) Galileia (verde) Belém (dourada) sinagoga (branca) circuncisão (rubra) sinédrio (neutra). Diáspora era nome de fruta? Abraão, toma agora o teu filho a quem amas ó líbricas hebreias dos romances de Walter Scott ó Rosa de Sarom! ó lírio dos vales! ó lívidas múmias ambulantes de Dachau Belsen Auschwitz Treblinka! Que filme! E, ao som dum Kol Nidre de rasgar o coração, misturado com um jovial Hava Naguila, tudo isso me passa pela mente numa fração de segundo.*

Um pequeno grupo aproxima-se de nós. Em breve caio nos braços de Shaul e Myriam Levin. (Conheci Shaul no Brasil ao tempo em que ele era ministro conselheiro da embaixada de seu país, tive-o em minha casa em Porto Alegre num serão ao pé da lareira acesa, numa noite de inverno, e descobrimos que éramos irmãos.) O cavalheiro alto, de perfil semítico, que agora me aperta cordialmente a mão, deve ser funcionário do Ministério do Exterior israelense. Ilusão óptica. É o dr. Aloysio Guedes Régis de Bittencourt, embaixador do Brasil em Israel. Alguém me estreita contra o peito e ficamos a nos dar reciprocamente fortes palmas nas costas, numa espécie de dança de ursos, antes mesmo de eu saber ao certo quem me abraça. Finalmente descobro: “Nahum Sirotsky,

homem de Deus, que é que você anda fazendo por aqui?”. Encontrei pela última vez este simpático judeu errante gaúcho em Washington, há uns quatro anos, e depois perdi-o de vista por completo. Conta-me que é adido de imprensa junto à nossa embaixada em Tel Aviv. Apresenta-nos Beila, sua mulher, uma loura de face dramática. O senhor cordial que agora nos saúda é o embaixador do Uruguai, que aqui veio — explica ele — na qualidade de amigo do Brasil e de meu leitor. A sétima personagem do grupo, um jovem de fisionomia risonha, Nassim Itzhak, representa o Ministério das Relações Exteriores, e traz-nos as boas-vindas do ministro Arie Eshel, um de nossos anfitriões.

Dentro em pouco estamos no carro do embaixador do Brasil, rodando sobre excelente estrada asfaltada que, em menos de vinte minutos, nos leva ao centro de Tel Aviv. Estranho que as ruas estejam já tão desertas às dez da noite. Sirotsky lembra-me de que o Sabá começa sempre na sexta-feira, ao cair do sol.

ARTIMANHAS DA MEMÓRIA

Reservaram-nos um quarto no Hotel Dan, um dos três maiores e mais modernos da cidade. Encontramos o amplo saguão da entrada pululante de turistas que acabam de desembarcar dum ônibus e agora aqui se agitam tratando de registrar-se e localizar suas bagagens. Devem ter vindo para as festas do *Pessach*. (Páscoa, em língua de cristão.) São em sua maioria judeus americanos, gritam e gesticulam como latinos. Um deles, retaco, ruivo, rubicundo e rábido, ostentando uma gravata que parece um delírio psicodélico, masca frenético o seu charuto. Entreouço que algo lhe saiu errado. Velhotas artificialmente coloridas, como certas frutas da Flórida e da Califórnia, dão ordens aos maridos, à melhor maneira ianque. Os empregados do hotel movem-se por entre turistas e malas, num ritmo entre relutante e casual.

Novas hordas de viajantes invadem ruidosamente o saguão e dirigem-se sôfregas para o balcão dos recepcionistas, onde um gerente aflito briga em hebraico com seus auxiliares e trava exaltados diálogos em inglês ou iídiche com os clientes.

M. e eu nos entreolhamos, trocando sorrisos. Minha mulher sabe que me divirto observando gente em ação, e que coleciono tipos humanos *con amore*.

Graças aos bons ofícios de Shaul Levin conseguimos registrar-nos. Despedimo-nos dos amigos e somos conduzidos ao nosso quarto: espaçoso, confortável, decorado de maneira agradável e muito limpo. Ao *boy* que carregou até aqui a nossa bagagem, explico em inglês que não tenho no bolso sequer um mísero *agorá*, pois ainda não comprei dinheiro nacional. Ele sorri, murmura algo que me soa como *ên davar*, e se vai.

Duas portas-janelas abrem-se para uma sacada. O Mediterrâneo ali está do outro lado da rua, encolhido e apagado no âmago da noite. Longe piscam as luzes de Jafa.

— Napoleão andou por aqui — murmuro.

— Que Napoleão?

— Ora, o Bonaparte. Seu exército tomou Jafa. Mas não conseguiu conquistar o Acre. Viva São João de Acre!

Devemos à gentileza do gerente do hotel a natureza-morta que está sobre esta pequena mesa redonda, num prato de cerâmica: frutos da terra, gordas bananas, coradas maçãs, douradas laranjas. Penso no solo semiárido de Israel e murmuro: “Esta gente é capaz de tirar leite de pedra”.

— Onde estamos? — pergunto em voz alta. Estas duas palavras, que costumamos pronunciar quando, viajando no estrangeiro, chegamos a algum lugar, são uma espécie de fórmula mágica que tem o dom de nos acordar para a realidade, livrando-nos dessa perigosa dormência ou agitação turística que nos embota os sentidos, levando-nos a aceitar com demasiada naturalidade ou indiferença, e sem verdadeiro proveito e encanto, o fato de estarmos em exóticas geografias dantes tão sonhadas e desejadas. Muitas vezes só depois de voltar a nossa casa no Brasil é que, numa surpresa retrospectiva, nos maravilhemos de ter estado no palácio do rei Minos, na ilha de Creta, no Grande Bazar de Istambul ou no Barrio Gótico de Barcelona.

— Tel Aviv! — respondo, mas sem muita convicção.

Coisa curiosa. Nossa geografia interior é em grande parte feita de estampas de revistas, livros ou imagens de filmes cinematográficos vistos na infância e na adolescência. Menino de ginásio, encontrei num número de *Leitura para todos* a reprodução duma fotografia da Place des Vosges. Quando, quarenta anos mais tarde, visitei Paris, a primeira coisa em que pensei ao entrar na famosa praça foi a gravura do magazine, e tive então a oportunidade de confrontar a minha lembrança de sua fotografia com o original. No entanto, de volta ao Brasil, toda vez que pensava na Place des Vosges nem sempre a imagem

que me vinha à mente era a da “coisa real”, mas frequentemente a sua remota reprodução fotográfica. Mais tarde, reencontrando por acaso o citado número de *Leitura para todos*, fiquei surpreso ao verificar que o seu clichê da praça pouco tinha a ver com a lembrança que dele eu guardava na memória. Entrei em polêmica com o menino e o adolescente que ainda me habitam clandestinamente, pois ambos insistiam diabolicamente em me provar que a verdadeira Place des Vosges não era a concreta, a real, a que está em Paris e que o meu eu adulto *viu*, nem mesmo a sua reprodução no magazine, mas sim a memória dessa estampa — a imagem que me ficou impressa na mente, com toda a sua carga de tempo e fantasia. (Não será este um bom ponto de partida para discutir problemas de arte, principalmente de ficção e pintura? Mas não agora — pelo amor de Jeová! — pois mal acabamos de chegar a Israel e estamos cansados.)

Experimento as torneiras do quarto de banho: a água jorra abundante. Minutos mais tarde, debaixo do chuveiro, tenho uma sensação de culpa por estar gastando tanta água num país em que ela é tão escassa. Se por um lado esse sentimento aumenta minha autoestima, por outro me dá a indulgência plenária de que necessito para prolongar o banho.

M. experimenta uma laranja israelense. Mordo com mais reverência do que gula uma das maçãs. Sentamo-nos junto da mesa e ficamos por algum tempo examinando o programa de nossa visita, que Levin nos entregou no aeroporto. Nos próximos dezenove dias viajaremos praticamente por todo o país, desde a alta Galileia até o deserto de Neguev. Visitaremos aldeias, vilas, cidades, *kibbutzim* e *mochavim*. Veremos pessoas, coisas e instituições. M. está um pouco assustada ante este itinerário geográfico-social. Teremos quase todos os dias ocupados da manhã à noite. Folheando o gordo programa, escrito em português e hebraico, ficamos a nos perguntar se tal ou qual coisa “vale a pena”.

Deitamo-nos. Abro o volume das poesias completas de Fernando Pessoa, o único livro que trouxe comigo. O poeta responde à nossa pergunta:

*Tudo vale a pena,
Se a alma não é pequena.*

Apago a luz, fecho o livro e os olhos, e concluo que sábio é o turista que viaja com bagagem pequena e alma grande.

PÃO ÁZIMO

Oito da manhã. Um morno sol de primavera ilumina o céu de índigo desbotado, a cidade de clara cinza e o mar de não mui limpa turquesa. Descemos ao restaurante para a primeira escaramuça com a comida israelense. Serve nossa mesa uma rapariga morena, esguia e pernilonga. Puxo conversa com ela. O mais que consigo arrancar de seu laconismo é que nasceu na Argélia, trabalha durante o dia e estuda à noite, e que *grapefruit* em hebraico é *escoliot*.

Com uma curiosidade meio desconfiada fazemos uma incursão ao bufete, onde estão expostas as especialidades da refeição matinal: fatias de tomate, pedaços de arenque lambuzados de nata azeda, cenoura ralada temperada com suco de limão, fatias de queijo, sardinhas reluzentes de azeite, rodela de pepino em conserva... O ativo cheiro de cebola que exalam estes pratos nos põe em fuga. Tornamos à nossa mesa, resignados a tomar um conservador chá com pão. Pão? A gazela morena lembra-nos de que estamos na semana da Páscoa, período em que os judeus comem o *matzot*, isto é, essas delgadas bolachas de farinha não levedada que vejo num prato no centro de nossa mesa. Parecem rijas folhas de papiro, e o tostado irregular de sua superfície lembra caracteres hebraicos.

Evoco um versículo bíblico. “Guardai pois a festa dos pães ázimos, porque naquele mesmo dia tirei vossos exércitos da terra do Egito: pelo que guardareis este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo” (Êxodo, 12:17).

Minha mulher me pede que lhe explique a simbologia do pão ázimo. Exprimo minha ignorância num encolher de ombros.

Se ela me tivesse feito esse pedido dois anos mais tarde eu poderia ter tentado satisfazer-lhe a curiosidade graças ao livro *Symbolic Behavior*, de Thass-Thienemann, que descobre fantasias genitais reprimidas até no preparo de alimentos. Por que se proibia o uso de pão levedado nos sacrifícios do Velho Testamento? (“Por sete dias não se ache nenhum fermento nas vossas casas; porque qualquer que comer pão levedado aquela alma será cortada da congregação de Israel, assim o estrangeiro como o natural da terra” — Êxodo, 12:19.) É que o conceito de *lêvedo* parece ter se associado ao de *corrupção* e *deterioração*, visto que o *lêvedo* transforma o alimento bom em excremento. Indo mais longe ainda, é possível que o processo fisiológico implícito na

fermentação não seja apenas o da digestão do alimento, mas também o do *ato da fecundação* e o da *gestação*, pois o sovar da massa na gamela e o seu crescimento evocavam fantasias genitais, e tudo isso se tornou de tal forma sugestivo do processo corporal, que fermento passou a ser símbolo de sêmen.

Eu poderia então concluir, gloriosamente erudito, olhando para as fatias de *matzot*: “Em suma, madame, o pão não levedado é o pão virgem, dessexualizado e portanto apropriado para fins religiosos, assim como animal que vai ser sacrificado se dessexualiza pela castração... com o perdão da má palavra”.

Posso antever a expressão fisionômica de M. diante de minha dissertação, e imagino sua crítica: “Bobagem! Vocês complicam as coisas mais simples”.

— Provemos do pão ázimo — murmuro, partindo um *matzot* e levando um pedaço à boca.

M. faz o mesmo e opina:

— Tem gosto de papelão...

— E sem sal...

Tomamos o nosso chá e comemos resignadamente os nossos pães ázimos contemplando através das janelas o Mediterrâneo e os banhistas da manhã.